

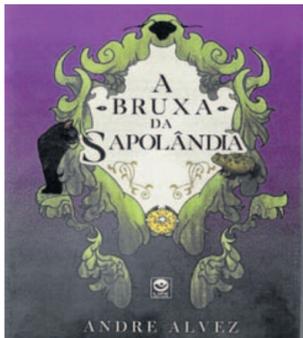
Suplemento Cultural

O eclético escritor André Alvez e a sua recente obra literária

RUBENIO MARCELO – poeta/
escritor, secretário-geral da
Academia Sul-Mato-Grossense
de Letras

O escritor André Luiz Alvez é, certamente, daqueles que se enquadram bem na conhecida assertiva de Saramago, que timbra: “ser escritor não é apenas escrever livros, é muito mais uma atitude perante a vida, uma exigência e uma intervenção”. Sim, é isto que percebemos no constante fazer literário deste irrequieto contista/cronista e romancista sul-mato-grossense, que – além de autor de ótimas publicações – procura no ideal dos desígnios da arte/cultura e da literatura uma das motivações vitais da sua existência e, assim, de forma engajada e espontânea, adorna com a arte da palavra (e com palavras de arte) o semblante do seu *modus vivendi*, sempre se atualizando dos acontecimentos e, com olhar atento, registrando o cotidiano. Naturalmente vocacionado – e consciente de que a literatura não se limita apenas às edições de livros, porquanto compõe um prelúdio universal sintonizado com atividades e sentimentos humanos –, ele segue inscrevendo fielmente o seu nome na literatura regional, abalizando a sua essência pelos cinzéis da linguagem, quer como autor competente e eclético artista da palavra, quer como leal companheiro de seus pares da contemporaneidade, ou como dinâmico representante de entidade literária, gerindo eventos e projetos culturais.

Assim, André Alvez, que milita também no jornalismo e publicidade, formado que é em Comunicação Social, Publicidade e Propaganda, destaca-se como cronista do Jornal Correio do Estado, e também escreve textos para



CAPA DO LIVRO “A Bruxa da Sapolândia”, de André Alvez

o teatro: atuando ainda, nesta área, como diretor e ator, ao tempo em que exerce atualmente a presidência da UBE - União Brasileira de Escritores - Seção de MS. É autor das seguintes obras literárias: “No Pantanal não existe pinguim” - romance, Ed. Agbook, 2011; “O Santo da Cicatriz” - romance, Ed. Life, 2013; “Crônicas da Cidade” - Ed. Chiado, 2017; e “A Bruxa da Sapolândia” - romance, Life.

Lançado em outubro de 2017, o seu mais recente livro (“A Bruxa da Sapolândia”), que tem apresentação da escritora Sílvia Cesco, condensa 47 capítulos em 320 páginas, numa narrativa mesclando realidade e ficção, transcendência e mistério, suspense e aventura. A personagem central deste volume de realismo fantástico é Célia de Souza, uma infeliz que nasceu predestinada a dantesca sina e, nas décadas de 60 e 70, residiu num bairro campo-grandense à época conhecido como “Sapolândia”, tendo sido acusada como “uma fria assassina de crianças” em “rituais de bruxaria”, transformando-se, assim, em tétrica lenda. Acerca desta criatura,

André Alvez afirma, também situando o perfil do seu livro: “Cresci nessa região ouvindo histórias da Célia e por muito tempo isso era usado para impor medo às crianças: ‘olha, não faz isso que a bruxa vai te pegar’. Portanto, meu livro é um romance, mas com personagem e passagens reais, que extrai de sua pouco conhecida história e, principalmente, do processo judicial”. Ao longo da obra, em certos pontos da trama, uma atmosfera sobrenatural convoca os leitores para inusitadas sendas: emolduradas de figurativizações, efeitos metaficcionalis, personificações e simbologia.

Numa grande sacada de criatividade do autor, o enredo passa basicamente pelo ‘fiel testemunho’ do gato da protagonista: Ranulfo, que, em várias ocasiões vale-se naturalmente do seu “instinto felino” para entender as cenas e intermediar a história – e, logo de cara, ele revela: “Minha dona não sabia que o mundo existia, imaginava ser tudo um pesadelo do qual não conseguia acordar. Seu nome era Célia e quando nasceu já tinha os cabelos compridos até a cintura e sete dentes, inclusive as duas presas...”. A saga ganha contornos diversos e conduz os leitores d’A Bruxa da Sapolândia a vários sentimentos e reações, bem como reflexões, especialmente acerca da condição humana. Certo é também que assim como alguns trechos da história causam revolta, choque ou indignação, algumas passagens comovem, pela tocante textura narrada, como, por exemplo, a cena que retrata o diálogo entre a ‘bruxa’ Célia e o delegado Almeida – quando aquela desditosa personagem, diante de lancinantes acusações e fortes indícios de crime, refere-se a Deus, ao expor a sua versão, e é assim questio-

“

Ao longo da obra, em certos pontos da trama, uma atmosfera sobrenatural convoca os leitores para inusitadas sendas: emolduradas de figurativizações, efeitos metaficcionalis, personificações e simbologia”

nada: “A senhora acredita em Deus?”, ao que ela responde, com momentânea altivez: “Sim, creio. E Ele sabe que sou inocente!”.

O que naquela ocasião sabia o Grande Arquiteto do Universo – e sabe até hoje – não podemos afirmar, entretanto, conforme consta, após menos de dois anos de sua prisão, Célia de Souza foi absolvida e “solta numa manhã em que o frio havia ido embora (...) A Rua Vinte e Cinco de Dezembro foi por onde ela seguiu até que seu corpo se confundisse com um ponto no horizonte. Levava o gato preso numa das mãos, a mesma mão que prendia entre os dedos o broche niquelado do qual as cores cintilavam sem força”. E há muito a se desvendar nesta trama bem arquitetada no livro atual de André: enigmas e uma multiplicidade de nuances míticas que vicejam além dos limites do real.

Caracterizado por situar com estratégia os seus personagens, modelando artisticamente o enredo em narrativas envolventes, e impregnando de impactante surpresa o desfecho, o escritor André Luiz Alvez, 52 anos, é natural de Campo Grande/MS, onde reside. É casado com Graziela Bartiê, com quem tem os filhos Andreza e Bruno.

POESIAS

APOCALIPSE

No dia em que, na Terra apodrecida,
Abrir-se um abismo unindo os hemisférios,
E os mortos ressurgirem para a vida
Num turbilhão de miasmas e mistérios...

No dia em que os pecados, deletérios,
Pesarem tanto sobre a crosta roída,
Que o globo se cobrir de cemitérios
E o homem notar que a hora está vencida...

Começará tudo a morrer no mundo.
Então, despida do envoltório imundo,
A humanidade inteira se apavora...

Cobrem-se os horizontes de fuligens,
O orbe terrestre tomba entre vertigens,
Deus volta à cena... e a Natureza chora!

ALTEVIR ALENCAR

VIDA DE AMOR

Sofrer
Tudo o que contraria a nossa natureza,
Sem queixas, nem rancor,
É divinizar o sofrimento,
É chegar à perfeição,
Pele firme escada, que é a dor.
Sentir,
Da vida todo encanto e poesia,
A beleza sem par,
Da universal harmonia;
Não deixando que o mal
Nem de leve macule
A pureza sublime
De nossa alma imortal;
Construir, dia a dia, nossa felicidade
É antecipar neste mundo
A vida celestial
No alicerce divino
Da Fé, Esperança e Caridade;
É vivermos, então, nossa “Vida de Amor”,
É chegarmos, enfim,
Até nosso Criador!

OLIVA ENCISO

Ouvi contar: Casa Cavassa

INAH MACHADO METELLO

Conheci Corumbá em 1940. Meu marido foi adido da Comissão de Limites Brasil-Bolívia, sob a chefia do Coronel Ernesto Bandeira, agora diretor da SUDAN. Lá eu só tinha um parente afim, o tio Mariano Cavassa; ele fora casado com uma irmã de minha mãe.

Gostei logo de Corumbá, de sua sociedade aristocrática, mas amiga e acolhedora na sua fidalguia.

Adorava o rio Paraguai, caudaloso e lindo, margeando a cidade e que tanta inveja causa aos campo-grandenses, adorava passear sem destino pela cidade conhecendo todos os seus recantos românticos. Assim, um dia vi o casarão colonial de três andares da Rua do Porto.

– “Casa Cavassa”, adiantou-me o tio e então contou-me a sua história...

Manuel Cavassa, seu pai, descendente de navegadores genoveses do Mar Mediterrâneo, eventualmente nascido em Lisboa, tentado pelas conversas de seus companheiros vindo da América Latina, resolveu em poucos dias sua viagem e de seus familiares; reunindo os haveres disponíveis, embarcaram no veleiro de sua propriedade, o “São José”, aportando meses depois em Buenos Aires.

Na Argentina, ficou alguns anos e lá casou-se com uma compatriota D. Carlota Velasco. Em Buenos Aires nasceu sua filha Manuela, mas... Buenos Aires não era a meta desejada, seu coração pedia outras plagas. Subiu o estuário do Rio da Prata, chegando em Corumbá em 1856. Sentiu-se feliz, enfim o lar!

Fundou a casa comercial “Manuel Cavassa”, na Rua do Porto e começou suas viagens fluviais: Montevideú-Buenos Aires-Corumbá, trazendo mer-

cadorias para sua firma e negociando na praça platina.

Progredia rapidamente, tanto em haveres como em honrarias, é um abastado comerciante quando da Guerra do Paraguai.

Assistiu pesaroso o vandalismo da Tomada de Corumbá pelos Guaranis, tudo devastando, atingindo também a “Casa Cavassa”.

O comandante paraguaio, Coronel Barrios, organizou um sarau de confraternização de suas tropas com a sociedade corumbaense; muita gente brasileira assistiu ao baile por medo às represálias violentas conhecidas como do agrado dos invasores.

Intimado Manuel Cavassa a comparecer à festa com sua família, escusou-se, não desejando expor sua filha, menor de onze anos, a possíveis vexames. O Coronel Barrios sentiu-se ultrajado na sua autoridade e não hesitou em mandar prender a família Cavassa e mandá-la, juntamente com uma infinidade de prisioneiros de guerra, para um campo de concentração em Assunção. Sim, não é invenção do século XX o campo de concentração, e nem mesmo as torturas são dos nossos dias, infelizmente, como estamos vendo sempre existiram. Nesse campo de barbarismo veio à luz mais um Cavassa... o Rafael.

E o tempo passava vagaroso e triste; os anos se foram, até surgir a bonança. O governo da Itália, ciente da existência de prisioneiros italianos, em Assunção, interferiu junto às autoridades paraguaias e pediu a entrega dos mesmos, enviando uma canhoneira para serem repatriados os seus súditos. Solano Lopes atendeu diplomaticamente, sentindo abalado o seu poder; a vitória dos aliados aproximava-se e não convinha angariar mais inimigos. Embarcaram os itálos no vaso de guerra, rumo à Pátria.

O Comandante italiano, muito áspero, rígido e cruel, além de maltratar, humilhava com prazer doentio os seus compatriotas. O tratamento a bordo era tremendo: num tacho serviam a alimentação comum a todos, numa mistura terrível, nada apetitosa e de pouca higiene. Uma única colher, passando de mão em mão. Salvando essa situação angustiante para os Cavassa, um tripulante, compadecido, cedeu à D^a. Carlota seu prato e talheres para uso de sua família. Gesto humano, demonstrando bondade e a integridade do caráter do marinheiro Vicente Anastácio; gesto de cavalheiro, com ele angariou a gratidão e a amizade dos Cavassa que, no abraço de despedida, ofereceram-lhe seus préstimos para toda a vida.

A canhoneira italiana desceu o rio da Prata e fundeu no porto de Buenos Aires onde só então os refugiados receberam a notícia da Retomada de Corumbá.

SANGA

HÉLIO SEREJO

Sanga na linguagem fronteiriça quer dizer vala profunda e desbeçada, aberta pelas enxurradas.

Sanga tem sua história.

Lenda bonita “que os de dantes” contavam, na hora do mate de coco, pormenorizando tudo, na vivência do passado, para reavivar a memória, que nunca deve embotar-se, porque quem recorda o que passou, vive; e, é no viver do passado remoto, que a alma da gente se alvoroça, e o pensamento fica ligeiro como corrida de gringo contrabandista.

Por isso os antigos gostavam de desfilar lendas e contar histórias.

A da Sanga era assim:

A moça, flor do sertão, delicada e bela, enamorou-se de um jovem; de um rapagão, forte e musculoso, que ali aparecera.

O mancebo chegou, e logo mostrou quem era: um corre-mundo, um safardana, um gaiteiro, um prófugo...

De coisa de suar, de avermelhar o rosto, de vergar a espinha, nada queria. Só de festa, de bochinhada, gostava. E, também, adorava o baralho.

Num truco refestelava-se todo.

Gritava, fazia sapatelo, dizia versos picantes e soltava para o ar, num grito de guerreiro vitorioso, churriada de frases e ditos.

Os pais da donzela o odiaram.

Quem vivia a deambular, se metendo em desaguado, provocando e ofendendo, trilhando todos os caminhos, sem pouso certo, nada tendo de seu, a não ser o cavalo mal aperado, não po-

dia merecer o amor de quem havia sido criado com mimo, na santa e augusta paz do Senhor; de uma criatura sensível e pura, meiga e terna, que sabia orar, de mãos postas, contrita, pelo desapoderado, pelo perjuro e mau e pelos que sofriam, pelo faminto, roto e pelo desajustado...

Quem era bondade e pureza, humildade e amor, jamais poderia unir-se ao cardo; entregarse a um cristão que representava a lama, o esturme, o repelente e a podridão.

E a vizinhança inteira detestou o errante, dando-lhe o desprezo. Mas a virgem enamorada não cedeu. Ofendeu o pai, desrespeitou a mãe, injuriou o irmão e praguejou, má e impiedosamente, os íntimos, os que a queriam, os justos, os conselheiros.

Desgraça que tem de acontecer, acontece mesmo! A moça desvairada fugiu com o trotamundo. A mãe desvairada caiu doente. E chorou quarenta dias e quarenta noites. Perdeu as forças e, veio-lhe a cegueira. Dos olhos, profundos e negros, o pranto jorrava em borbotões. Não mais se alimentou. A boca se lhe transformou num rasgo de meter medo e impressionar.

Um tarde, um vulto surgido das sombras falou-lhe:

– Seu corpo desaparecerá, mas seus olhos ficarão, pregados à terra, em forma de uma vala ou estrada funda, que o povo fronteiriço chamará de Sanga. Dentro dela correrão as águas das enxurradas, que representarão as lágrimas que os seus olhos choraram, quarenta dias e quarenta noites.

Quem passar e ver a Sanga, profunda e desbeçada, lembrará a sua história e amaldiçoará a filha ingrata que fugiu com o moço andejo.

Eis porque as Sangas existem!...

A Sanga fronteiriça será sempre a lembrança daquela mãe aflita e daqueles olhos de amor e ternura, que secaram pelo desgosto e pelo sofrimento...

PORTARIA da ASL nº 02/2018

O presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, no uso de suas atribuições, e de acordo com preceitos estatutários da ASL, RESOLVE:

Nomear os seguintes acadêmicos para compor as seguintes Comissões da Academia, enumerados a seguir por ordem alfabética:

Comissão de Auditorio da ASL – Acadêmicos Américo Calheiros, Guimarães Rocha e Valmir Corrêa; **Comissão de Biblioteca da ASL** – Acadêmicos Elizabeth Fonseca, Rêmo Letteriello e Samuel Medeiros; **Comissão de**

Cultura da ASL – Acadêmicos Lucilene Machado, Marisa Serrano, Rubenio Marcelo, Samuel Medeiros e Thereza Hilcar; **Comissão do Evento Cultural ‘Chá Acadêmico da ASL’** – Acadêmicos Ildeides Muller, Raquel Naveira e Rubenio Marcelo; **Comissão de Manutenção Patrimonial da ASL** – Acadêmicos Elizabeth Fonseca, Guimarães Rocha e Reginaldo Alves de Araújo; e **Comissão da ‘Revista da ASL’** – Acadêmicos Ildeides Muller, Raquel Naveira, Rubenio Marcelo, Samuel Medeiros e Valmir Corrêa.

Campo Grande (MS), 03 de fevereiro de 2018
Henrique Alberto de Medeiros Filho - Presidente

“

Gostei logo de Corumbá, de sua sociedade aristocrática, mas amiga e acolhedora na sua fidalguia”